

Anna Maria Maiolino

In-Out (Antropofagia) (1973–1974) é um dos vídeos mais emblemáticos de Anna Maria Maiolino e uma obra fundamental da videoarte brasileira. Realizado em Super-8 durante a ditadura militar, o filme apresenta, em closes, bocas que se abrem, se fecham, são seladas por esparadrapo, ingerem e expelem objetos, transformando o corpo em uma potente metáfora da linguagem e da censura. Sem recorrer à narrativa, Maiolino investiga os limites entre interior e exterior, silêncio e expressão, desejo e repressão. O subtítulo faz referência ao conceito modernista de antropofagia de Oswald de Andrade, propondo a assimilação crítica da cultura e da realidade como forma de resistência às opressões coloniais. Ao concentrar a ação na boca — órgão da fala, da alimentação e do afeto — a artista evidencia o corpo como espaço de disputa política e simbólica. A obra permanece atual ao refletir sobre liberdade de expressão, violência institucional e a capacidade do corpo de resistir e produzir novos sentidos diante das tentativas de silenciamento.

É o que Sobra da série Fotopoemação, 1974 / Fotografia: Max Nauenberg / 86,5 x 43cm / Fotografia analógica

A série *Fotopoemação*, iniciada em 1973, é uma produção transversal e paralela desenvolvida através de imagens provenientes dos meus poemas escritos. Ela é resultado também da seleção de imagens tiradas diretamente dos filmes super 8, dos vídeos e performance realizados em alguns casos com a colaboração de fotógrafos amigos. Ultimamente, as fotografias são de minha autoria, executadas com câmera fotográfica digital. Esta série de obras, além de se constituírem em desafios de labor poético, são também instrumentos eficientes de inovação e de liberdade. São a elaboração do ver o entorno: uma forma de pensar as coisas do mundo, na tentativa de transformar o que vivemos em consciência, em um movimento operacional poético da conduta. (Texto informado pela artista.)

Bio

Anna Maria Maiolino é brasileira, vive e trabalha em São Paulo. Nascida em Scalea, Itália, em 1942, de pai italiano e mãe equatoriana, emigrou para a Venezuela com a família em 1954 e iniciou os estudos de arte em 1958. Em 1960, mudou-se para o Brasil com os pais. No Rio de Janeiro, estudou pintura e xilogravura. Integrou-se logo na cena cultural e, em 1967, participou na exposição Nova Objetividade Brasileira (MAM Rio - Museu de Arte Moderna, Rio de

Janeiro). Participou de exposições coletivas e realizou individuais nas principais instituições de arte no Brasil e internacionais, como o Moma-NY, MOCA, Los Angeles, Fundação Antoni Tapies, Bracelona, Museu Picasso, Paris, MALBA, Buenos Aires, além de Bienais de São Paulo, Bienal de Veneza e Documenta da Kassel. Recebeu em 2024 o Leão de Ouro na Bienal de Veneza pela importância de sua carreira.

Foto da artista: Fotografia de *photo by* Maycon Lima

Fotos da obra: Fotografia de *photo by* Studio AMM

Anna Maria Maiolino

In-Out (Antropofagia) (1973–1974) is one of Anna Maria Maiolino's most emblematic works and a landmark of Brazilian video art. Produced on Super 8 during Brazil's military dictatorship, the film presents a sequence of close-ups of mouths that open and close, are sealed with adhesive tape, ingest and expel objects, transforming the body into a powerful metaphor for language and censorship. Dispensing with conventional narrative, Maiolino explores the boundaries between inside and outside, silence and expression, desire and repression. The subtitle refers to Oswald de Andrade's modernist concept of *Anthropophagy*, proposing the critical assimilation of culture and reality as a form of resistance to colonial oppression. By focusing on the mouth—the organ of speech, nourishment, and affection—the artist foregrounds the body as a site of political and symbolic contestation. The work remains strikingly relevant in its reflection on freedom of expression, institutional violence, and the body's capacity to resist and generate new meanings in the face of attempts at silencing.

É o que Sobra, from the series Fotopoemação, 1974 / Photograph: Max Nauenberg / 86.5 × 43 cm / Analogue photograph

The *Fotopoemação (Photo-Poemation)* series, initiated in 1973, is a parallel and cross-disciplinary body of work developed through images derived from my written poems. It also results from the selection of still images taken directly from my Super 8 films, videos, and performances, in some cases produced in collaboration with photographer friends. More recently, the photographs have been made by myself using a digital camera. Beyond constituting exercises in poetic labour, these works are also effective instruments of innovation

and freedom. They represent an elaboration of seeing one's surroundings—a way of thinking about the world in an attempt to transform lived experience into consciousness through a poetic mode of action and conduct. *(Based on the artist's statement.)*

Biography

Anna Maria Maiolino is a Brazilian artist who lives and works in São Paulo. Born in Scalea, Italy, in 1942 to an Italian father and an Ecuadorian mother, she emigrated with her family to Venezuela in 1954, where she began her artistic studies in 1958. In 1960, she moved to Brazil with her parents. In Rio de Janeiro, she studied painting and woodcut printmaking, quickly becoming part of the city's vibrant cultural scene. In 1967, she participated in the landmark exhibition *Nova Objetividade Brasileira* at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio).

Maiolino has exhibited extensively in major institutions in Brazil and internationally, including the Museum of Modern Art (MoMA), New York; the Museum of Contemporary Art (MOCA), Los Angeles; the Fundació Antoni Tàpies, Barcelona; the Musée Picasso, Paris; and MALBA, Buenos Aires. She has also participated in the São Paulo Biennial, the Venice Biennale, and Documenta in Kassel. In 2024, she was awarded the Golden Lion for Lifetime Achievement at the Venice Biennale in recognition of her outstanding artistic career.

Antonio Manuel

Incontornáveis (2020/21) Produzida durante o período de isolamento imposto pela quarentena da Covid-19, a série marca o retorno do artista ao jornal como suporte e matéria de investigação artística. Frente às imagens impressas nos periódicos que retratavam o cotidiano sufocante da pandemia, o artista transforma as páginas por meio de cortes precisos, apagamentos e intervenções pictóricas. As incisões revelam fragmentos ocultos de textos e imagens, criando novos sentidos a partir daquilo que estava previamente organizado pela lógica da informação. O título remete ao inevitável: aquilo que não pode ser ignorado ou contornado. Em diálogo com suas históricas intervenções sobre jornais realizadas entre o final dos anos 1960 e o começo dos anos 1970, em plena ditadura militar, o artista trabalha no espaço de fronteira e luta entre ocultação e desvelamento, repressão e oxigenação, o banal e o surpreendente. Mais do que suportes documentais, os jornais tornam-se superfícies poéticas onde o gesto manual abre fendas de luz, revelando novas possibilidades de leitura e resistência diante da experiência coletiva da pandemia.

Bio

Antonio Manuel (Avelãs de Caminho, Portugal, 1947) é um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira. Radicado no Rio de Janeiro desde a infância, destacou-se no final da década de 1960 por uma produção que tensionava os limites entre arte, política e comunicação durante a ditadura militar. Utilizando suportes como jornais, fotografias, filmes, pinturas, instalações, performances e intervenções urbanas, desenvolveu uma obra crítica voltada para temas como censura, violência, liberdade de expressão e participação do público. Tornaram-se emblemáticas suas intervenções sobre jornais impressos, transformados em suportes artísticos que subvertiam a informação e denunciavam os mecanismos de controle da mídia e do Estado. Ao longo de sua trajetória, ampliou sua pesquisa para questões ligadas ao corpo, à memória e à paisagem, mantendo uma prática marcada pela experimentação e pelo diálogo entre diferentes linguagens. Participou de diversas edições da Bienal de São Paulo e representou o Brasil na Bienal de Veneza de 2015. Expôs nas principais instituições nacionais e internacionais através de exposições coletivas e individuais, com obras em relevantes coleções mundiais.

--

Antonio Manuel

Produced during the period of isolation imposed by the COVID-19 lockdown, *Incontornáveis (Unavoidable)* marks Antonio Manuel's return to the newspaper as both medium and subject of artistic investigation. Confronted with the printed images depicting the suffocating reality

of the pandemic, the artist transforms newspaper pages through precise cuts, erasures, and painterly interventions. These incisions reveal hidden fragments of text and image, generating new meanings from what had previously been organized according to the logic of information. The title refers to that which cannot be ignored or circumvented. In dialogue with his seminal interventions on newspapers from the late 1960s and early 1970s, produced during Brazil's military dictatorship, Antonio Manuel operates in the contested space between concealment and revelation, repression and oxygenation, the banal and the unexpected. More than documentary supports, newspapers become poetic surfaces where the artist's hand opens fissures of light, revealing new possibilities for reading, resistance, and collective reflection in the face of the pandemic experience.

Biography

Antonio Manuel (Avelãs de Caminho, Portugal, 1947) is one of the leading figures of Brazilian contemporary art. Based in Rio de Janeiro since childhood, he emerged in the late 1960s with a body of work that challenged the boundaries between art, politics, and communication during Brazil's military dictatorship. Working across newspapers, photography, film, painting, installation, performance, and urban interventions, he has developed a critical practice addressing themes such as censorship, violence, freedom of expression, and public participation. His interventions on printed newspapers became especially emblematic, transforming the press into an artistic medium that subverted the logic of information while exposing the mechanisms of media and state control. Throughout his career, he has expanded his research to encompass the body, memory, and landscape, maintaining an experimental practice grounded in the dialogue between different artistic languages. He has participated in several editions of the São Paulo Biennial and represented Brazil at the 2015 Venice Biennale. His work has been presented in major solo and group exhibitions in Brazil and internationally and is held in important public and private collections worldwide.

Foto do artista: Crédito da imagem: Fotografia de *photo by* Jaime Acioli - Mario Caillaux

Fotos da obra: Crédito das imagens: Fotografia de *photo by* Jaime Acioli - Mario Caillaux

Arthur Jafa

***The White Album* (2018)**, de Arthur Jafa, é um ensaio audiovisual que investiga a construção da branquitude como identidade cultural e política hegemônica nos Estados Unidos. Reunindo imagens encontradas na internet, registros de vigilância, vídeos amadores, reportagens, trechos de filmes e material de arquivo, Jafa constrói uma narrativa fragmentada que evidencia como o racismo não se manifesta apenas em atos explícitos de violência, mas também nos sistemas de representação, nos discursos cotidianos e nas estruturas de poder que moldam a sociedade. O título faz referência ao álbum dos Beatles e funciona como uma metáfora para a ideia de "branquitude" como norma invisível. Ao justapor momentos de banalidade, medo, privilégio, afeto e brutalidade, a obra revela as contradições de uma identidade construída historicamente pela exclusão e pela supremacia racial. Sem oferecer respostas definitivas, *The White Album* convida o espectador a confrontar os mecanismos pelos quais as imagens, muitas vezes violentas, produzem, naturalizam e perpetuam desigualdades, reafirmando o papel do audiovisual como instrumento crítico para compreender as tensões raciais contemporâneas.

Bio

Arthur Jafa nasceu em Tupelo, Mississippi, EUA, 1960. É artista, cineasta e diretor de fotografia, reconhecido como uma das vozes mais influentes da arte contemporânea na investigação das experiências negras por meio da imagem em movimento. Formado em Arquitetura pela Howard University, iniciou sua carreira no cinema, destacando-se como diretor de fotografia do filme *Daughters of the Dust* (1991), de Julie Dash. Sua prática reúne vídeo, instalação, fotografia e ensaio audiovisual, articulando imagens de arquivo, registros da cultura popular, música, internet e cinema para refletir sobre raça, memória, violência, espiritualidade e identidade nos Estados Unidos.

--

Arthur Jafa

***The White Album* (2018)**

Arthur Jafa's *The White Album* (2018) is an audiovisual essay that examines the construction of whiteness as a dominant cultural and political identity in the United States. Bringing together footage sourced from the internet, surveillance recordings, amateur videos, news broadcasts, film excerpts, and archival material, Jafa constructs a fragmented narrative that reveals how racism operates not only through explicit acts of violence but also through systems of representation, everyday discourse, and the structures of power that shape society. The title alludes to the Beatles' *White Album*, serving as a metaphor for the notion of whiteness as an

invisible norm. By juxtaposing moments of banality, fear, privilege, intimacy, and brutality, the work exposes the contradictions of an identity historically built upon exclusion and racial supremacy. Without offering definitive answers, *The White Album* invites viewers to confront the mechanisms through which images—often violent ones—produce, normalize, and perpetuate inequality, reaffirming the moving image as a critical tool for understanding the racial tensions of the present.

Biography

Arthur Jafa was born in Tupelo, Mississippi, USA, in 1960. He is an artist, filmmaker, and cinematographer widely recognised as one of the most influential voices in contemporary art for his exploration of Black experience through the moving image. Trained in architecture at Howard University, he began his career in cinema and gained international recognition as the cinematographer of Julie Dash's landmark film *Daughters of the Dust* (1991). His multidisciplinary practice encompasses video, installation, photography, and audiovisual essays, bringing together archival footage, popular culture, music, internet imagery, and cinema to examine race, memory, violence, spirituality, and identity in the United States.

Brígida Baltar

Em *Coleta da neblina*, integrante do projeto *Coletas* (1999–2005/2019), Brígida Baltar transforma um gesto simples em uma experiência poética sobre o tempo, a natureza e a fragilidade da existência. Ao amanhecer, a artista percorre jardins e paisagens naturais recolhendo umidade atmosférica nas formas de neblina (e orvalho e maresia, na série). Mais do que capturar um fenômeno físico, a ação evidencia a impossibilidade de possuir aquilo que é transitório. A coleta torna-se um ritual de atenção e contemplação, no qual o corpo se relaciona delicadamente com os ciclos naturais e com os elementos quase imperceptíveis do mundo. Fotografias, vídeos e recipientes preservam não partícula em si, mas os vestígios de uma experiência sensível marcada pela espera e pelo cuidado. Em sua prática, Baltar desloca o interesse da monumentalidade para o mínimo, propondo uma arte que valoriza a lentidão, a observação e os processos invisíveis da vida. *Coleta da neblina* sintetiza sua poética ao transformar um gesto cotidiano em uma reflexão sobre memória, impermanência e a íntima relação entre ser humano e natureza.

Bio

Brígida Baltar (Rio de Janeiro, 1959–2022) foi uma das artistas mais importantes da arte contemporânea brasileira, reconhecida por uma produção que integra performance, fotografia, vídeo, desenho, instalação e escultura. Formada pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, iniciou sua trajetória nos anos 1990 realizando intervenções em sua própria casa, transformando paredes, tijolos, poeira e frestas em matéria artística. Sua pesquisa expandiu-se para fenômenos naturais como neblina, chuva, vento e orvalho, desenvolvendo uma poética voltada aos gestos mínimos, à impermanência e às relações entre corpo, natureza, tempo e memória. Em séries como *Coletas*, *Abrigo* e *A Casa*, a artista valoriza a experiência sensível e os processos efêmeros, propondo uma arte da contemplação e do cuidado. Participou da 25ª Bienal de São Paulo (2002), da Bienal de Havana e de importantes exposições no Brasil e no exterior. Sua obra integra coleções como as do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Pinacoteca de São Paulo, Inhotim e Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP), consolidando seu legado como referência na investigação poética da relação entre ser humano e natureza.

--

Brígida Baltar

Coleta da neblina (Fog Collection), from the Coletas series (1999–2005/2019)

In *Coleta da neblina* (Fog Collection), part of the *Coletas* (Collections) project (1999–2005/2019), Brígida Baltar transforms a simple gesture into a poetic meditation on time, nature, and the fragility of existence. At dawn, the artist moves through gardens and natural landscapes, collecting atmospheric moisture in the form of fog (as well as dew and sea mist in other works from the series). Rather than capturing a physical phenomenon, the action reveals the impossibility of possessing what is inherently transient. The act of collecting becomes a ritual of attention and contemplation, in which the body engages delicately with natural cycles and the almost imperceptible elements of the world. Photographs, videos, and glass containers preserve not the substance itself, but the traces of a lived experience shaped by waiting and care. Throughout her practice, Baltar shifts attention away from the monumental toward the minute, proposing an art grounded in slowness, observation, and the invisible processes of life. *Coleta da neblina* encapsulates her poetic vision by transforming an everyday gesture into a reflection on memory, impermanence, and the intimate relationship between human beings and nature.

Biography

Brígida Baltar (Rio de Janeiro, 1959–2022) was one of the leading figures of Brazilian contemporary art, recognised for a multidisciplinary practice encompassing performance, photography, video, drawing, installation, and sculpture. A graduate of the Escola de Artes Visuais do Parque Lage, she began her artistic career in the 1990s by intervening in her own home, transforming walls, bricks, dust, and cracks into artistic material. Her research gradually expanded to include natural phenomena such as fog, rain, wind, and dew, developing a poetic practice centred on subtle gestures, impermanence, and the relationships between the body, nature, time, and memory. In series such as *Coletas*, *Abrigo* (Shelter), and *A Casa* (The House), Baltar foregrounded sensory experience and ephemeral processes, proposing an art of contemplation and care. She participated in the 25th São Paulo Biennial (2002), the Havana Biennial, and numerous major exhibitions in Brazil and abroad. Her work is held in important collections including the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro (MAM Rio), the Pinacoteca de São Paulo, Inhotim, and the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo (MAC USP), securing her legacy as a key figure in the poetic exploration of the relationship between humanity and nature.

Foto da artista: Cortesia de *courtesy of Instituto Brígida Baltar*

Fotos das obras: Cortesia de *courtesy of Instituto Brígida Baltar e Julia Rocha*

Igor Jesus

Na série de imagens que serão apresentadas no Solar, datadas de 2024, Igor Jesus investiga os limites da fotografia como registro, submetendo a imagem a processos de distorção, sobreposição, interferência e apagamento. Ao tensionar os próprios mecanismos de produção da fotografia, o artista desloca o meio de sua função documental para um campo de experimentação perceptiva e material. As figuras oscilam continuamente entre reconhecimento e abstração, fazendo emergir presenças espectrais que desafiam a estabilidade da representação e tensionam memória, visibilidade e desaparecimento. A imagem deixa de operar como evidência do real para afirmar-se como acontecimento, revelando a fotografia como um processo em permanente transformação. Luz, matéria, tempo e suporte tornam-se agentes ativos na constituição da obra, produzindo imagens que habitam um território de indeterminação entre presença e ausência, figura e ruído, revelação e ocultamento.

Bio

Igor Jesus (Lisboa 1989), desenvolve uma pesquisa que desloca a fotografia de sua função documental para um campo de investigação sobre a natureza da imagem, da luz e da percepção. Utilizando procedimentos analógicos e experimentais, o artista interfere nos processos de captação e revelação, produzindo imagens em que a figura emerge e se dissolve, oscilando entre reconhecimento e abstração. Suas obras exploram a fotografia como um acontecimento material, evidenciando falhas, sobreposições e distorções que desafiam a transparência do dispositivo fotográfico. Em vez de registrar o real, suas imagens tornam visíveis fenômenos ópticos, energias e temporalidades normalmente imperceptíveis, aproximando-se de uma dimensão quase espectral. Ao tensionar os limites entre presença e desaparecimento, visível e invisível, Igor Jesus convida o espectador a compreender a imagem não como representação estável, mas como processo, experiência e acontecimento. O artista compôs o programa Artists' Film International, apresentado em instituições como o MAAT e a Whitechapel Gallery. Suas obras fazem parte de várias coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais, destacando-se António Cachola, Fundação EDP, Norlinda e José Lima, Fernanda Ribeiro e Teixeira de Freitas e Associados.

Igor Jesus

In the series of photographs presented at the Solar, produced in 2024, Igor Jesus investigates the limits of photography as a form of record, subjecting the image to processes of distortion, layering, interference, and erasure. By challenging the very mechanisms through which photographs are produced, the artist shifts the medium away from its documentary function toward a field of perceptual and material experimentation. The figures continuously oscillate between recognition and abstraction, giving rise to spectral presences that unsettle the stability of representation while probing the boundaries of memory, visibility, and disappearance. The image ceases to function as evidence of reality and instead asserts itself as an event, revealing photography as a process in constant transformation. Light, matter, time, and the photographic support itself become active agents in the making of the work, producing images that inhabit an indeterminate territory between presence and absence, figure and noise, revelation and concealment.

Biography

Igor Jesus (Lisbon, 1989) develops a practice that shifts photography away from its documentary function toward an investigation of the nature of the image, light, and perception. Working through analogue and experimental processes, he intervenes in the acts of exposure and development, producing images in which forms emerge and dissolve, oscillating between recognition and abstraction. His works explore photography as a material event, foregrounding glitches, superimpositions, and distortions that challenge the apparent transparency of the photographic medium. Rather than recording reality, his images render visible optical phenomena, energies, and temporalities that usually remain imperceptible, approaching an almost spectral dimension. By testing the limits between presence and disappearance, the visible and the invisible, Igor Jesus invites viewers to understand the image not as a stable representation but as a process, an experience, and an event.

His work has been presented as part of the *Artists' Film International* programme at institutions including MAAT, Lisbon, and the Whitechapel Gallery, London. His works are held in numerous public and private collections in Portugal and abroad, including the António Cachola Collection, the EDP Foundation Collection, the Norlinda and José Lima Collection, the Fernanda Ribeiro Collection, and Teixeira de Freitas, Rodrigues e Associados.

João Modé

“Chão e/and Chaos”, 2026. O uso de materiais orgânicos, de pequenas pontuações no espaço que ressaltam uma atmosfera onde se misturam delicadeza e fabulação, marcam as intervenções recentes de João Modé. Para a Trienal do Vaticano o artista foi comissionado para realizar um trabalho novo especialmente para a ocasião, atuando num conjunto de salas nas quais as marcas do tempo e da memória carregam o ambiente. Nas palavras do artista: “Meu projeto de ocupação do “porão” do Solar Grandjean de Montigny pretende lidar com as características físicas (os arcos, o pé direito e as dimensões reduzidas das salas, a umidade), e histórias da edificação e seu entorno. Para tanto, pretendo revestir parte do piso com argila, material amplamente usado na construção, com intervenções sutis que revelam detalhes e conversam com a arquitetura. Também é parte do projeto, a retirada de elementos adicionados posteriormente que desfiguram este espaço, como grades e portas de vidro tipo Blindex e a inclusão de objetos encontrados na pesquisa histórica como um caramanchão feito de bambu. Completando a obra, proponho a projeção de um filme “AQUI”, que reflete sobre a ideia de tempo e de espaço.” O trabalho é composto por imagens coletadas pelo artista ao longo dos anos em suas viagens.

Bio

João Modé (1961) Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Tem formação em Arquitetura e em Programação Visual, com mestrado em Linguagens Visuais pela UFRJ. Foi membro fundador do grupo Visorama, que promoveu debates acerca das questões da arte contemporânea entre o final dos anos 1980 e a década de 1990. Seu trabalho articula-se por uma noção plural de linguagens e espaços de atuação. Participou da 28ª Bienal de São Paulo [2008], da 7ª e 10ª Bienal do Mercosul [2009/2015] e da Trienal de Aichi, Nagóia [2016]. Alguns projetos, como REDE – desenvolvido em diversas cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Berlim, Stuttgart, Rennes e Nagóia – e Constelações, envolvem a participação direta do público. Participou do Panorama da Arte Brasileira de 2007 e 2017. Exposições individuais selecionadas: Junção, Paço Imperial, Rio de Janeiro, [2025]; Geom Poem, Peter Kilchmann Gallery, Zurique, Suíça [2023]; O Passado vem de frente numa brisa, Museu do Açude, Rio de Janeiro, RJ [2015]; Land, die raum, Berlim, Alemanha [2014]; Para o silêncio das plantas, Cavalariças do Parque

Lage no Rio de Janeiro [2011-2012]; De Sertão, MAMAM, Recife [2010]; Invisíveis [para Eva], Fundação Eva Klabin no Rio de Janeiro [2009].

--

João Modé

Chão e/and Chaos (2026)

João Modé's recent practice is characterised by the use of organic materials and subtle interventions that create an atmosphere where delicacy and fabulation. For the Vatican Triennale, the artist was commissioned to produce a new site-specific work conceived especially for the occasion, occupying a sequence of basement rooms marked by the traces of time and memory.

In the artist's own words:

"My project for the occupation of the basement of the Solar Grandjean de Montigny seeks to engage with the building's physical characteristics—its arches, ceiling height, the compact dimensions of the rooms, and their humidity—as well as with the history of the building and its surroundings. To this end, I intend to cover part of the floor with clay, a material widely used in construction, introducing subtle interventions that reveal hidden details and enter into dialogue with the architecture. The project also involves removing elements added at a later date that distort the space, such as metal grilles and glass partition doors, while incorporating objects uncovered through historical research, including a bamboo arbour.

Completing the installation, I propose the projection of a film, *AQUI (HERE)*, which reflects on the ideas of time and space."

The film is composed of images gathered by the artist over many years during his travels.

Biography

João Modé (b. 1961) lives and works in Rio de Janeiro. He holds degrees in Architecture and Visual Communication and a master's degree in Visual Languages from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). He was a founding member of the Visorama group, which fostered debates on contemporary art in Brazil from the late 1980s through the 1990s. His practice is characterised by a plural understanding of artistic languages and spaces of action, often combining sculpture, installation, drawing, photography, film, and participatory projects.

He has participated in the 28th São Paulo Biennial (2008), the 7th and 10th Mercosul Biennials (2009 and 2015), and the Aichi Triennale in Nagoya (2016). Projects such as *REDE*, developed in cities including Rio de Janeiro, São Paulo, Berlin, Stuttgart, Rennes, and Nagoya, and

Constelações (Constellations) involve the direct participation of the public. He also took part in the *Panorama da Arte Brasileira* exhibitions in 2007 and 2017.

Selected solo exhibitions include *Junção (Junction)*, Paço Imperial, Rio de Janeiro (2025); *Geom Poem*, Peter Kilchmann Gallery, Zurich (2023); *O Passado vem de frente numa brisa (The Past Comes Toward Us on a Breeze)*, Museu do Açude, Rio de Janeiro (2015); *Land, die raum*, Berlin (2014); *Para o silêncio das plantas (For the Silence of Plants)*, Cavaliariças do Parque Lage, Rio de Janeiro (2011–2012); *De Sertão*, MAMAM, Recife (2010); and *Invisíveis [para Eva] (Invisibles [for Eva])*, Eva Klabin Foundation, Rio de Janeiro (2009).

Foto do artista: Cortesia de *courtesy of* João Modé

Fotos das obras: Cortesia de *courtesy of* João Modé

Julianknxx

Black Corporeal (Between This Air) (2020–2022), de Julianknxx, é uma instalação fílmica e performática que investiga a respiração como metáfora da existência, da memória e da experiência da diáspora negra. Combinando poesia falada, coral, dança e imagens cinematográficas, a obra parte da frase "I can't breathe" — tornada símbolo da violência racial após os assassinatos de Eric Garner e George Floyd — para refletir sobre o direito de respirar como condição física, política e espiritual. Filmada no Barbican Conservatory, em Londres, durante o isolamento da pandemia, a obra reúne corpos negros em um espaço de comunhão onde o fôlego compartilhado torna-se gesto de cura. Para o artista, a respiração ultrapassa sua dimensão biológica: ela expressa a maneira como indivíduos e comunidades habitam o mundo, enfrentam o racismo estrutural e imaginam futuros possíveis. Ao articular corpo, natureza, voz e espiritualidade, *Black Corporeal* recusa a redução dos corpos negros à violência ou ao trauma, afirmando-os como espaços de plenitude, sensibilidade e criação coletiva. A obra transforma o ato cotidiano de respirar em uma poderosa imagem de liberdade, pertencimento e sobrevivência.

Bio

Julianknxx (Freetown, Serra Leoa, 1987) é poeta, cineasta e artista interdisciplinar radicado em Londres. Sua prática combina poesia falada, filme, performance, instalação e fotografia para investigar temas como memória, diáspora africana, pertencimento, ancestralidade e identidade negra. Nascido em Serra Leoa e criado no Reino Unido, sua trajetória é marcada pelas experiências de migração e pelos vínculos entre histórias pessoais e coletivas, transformando a palavra poética em um espaço de encontro entre arte, espiritualidade e justiça social. Em seus filmes e instalações, a voz, a música, o movimento e a imagem constroem narrativas que afirmam a potência dos corpos negros para além das representações de violência e trauma. Entre suas obras mais conhecidas estão *Black Corporeal (Between This Air)* (2020–2022), *Chorus in Rememory of Flight* (2022) e *Songs of the Living* (2024). Seu trabalho foi apresentado em instituições como Barbican Centre, Tate Britain, Serpentine Galleries, Wellcome Collection e The Broad, além de integrar importantes festivais e bienais internacionais. Reconhecido por sua abordagem poética e colaborativa, Julianknxx propõe uma arte que transforma memória, respiração, escuta e comunidade em experiências de reparação, resistência e imaginação coletiva.

Julianknxx

Black Corporeal (Between This Air) (2020–2022)

Black Corporeal (Between This Air) (2020–2022) by Julianknxx is a film and performance installation that explores breathing as a metaphor for existence, memory, and the experience of the Black diaspora. Combining spoken word, choral singing, dance, and cinematic imagery, the work takes as its point of departure the phrase "*I can't breathe*"—which became a symbol of racial violence following the murders of Eric Garner and George Floyd—to reflect on the right to breathe as a physical, political, and spiritual condition. Filmed in the Barbican Conservatory in London during the COVID-19 lockdown, the work brings together Black bodies in a space of communion where shared breath becomes an act of healing. For the artist, breathing extends beyond its biological dimension: it expresses the ways individuals and communities inhabit the world, confront structural racism, and imagine possible futures. By bringing together body, nature, voice, and spirituality, *Black Corporeal* refuses to reduce Black bodies to violence or trauma, instead affirming them as spaces of fullness, sensitivity, and collective creation. The work transforms the everyday act of breathing into a powerful image of freedom, belonging, and survival.

Biography

Julianknxx (Freetown, Sierra Leone, 1987) is a poet, filmmaker, and interdisciplinary artist based in London. His practice combines spoken word, film, performance, installation, and photography to explore themes of memory, the African diaspora, belonging, ancestry, and Black identity. Born in Sierra Leone and raised in the United Kingdom, his trajectory has been shaped by experiences of migration and by the connections between personal and collective histories, transforming poetic language into a space where art, spirituality, and social justice converge. In his films and installations, voice, music, movement, and image come together to construct narratives that affirm the power of Black bodies beyond representations of violence and trauma. Among his best-known works are *Black Corporeal (Between This Air) (2020–2022)*, *Chorus in Rememory of Flight (2022)*, and *Songs of the Living (2024)*. His work has been presented at institutions including the Barbican Centre, Tate Britain, Serpentine Galleries, Wellcome Collection, and The Broad, as well as at major international festivals and biennials. Recognised for his poetic and collaborative approach, Julianknxx creates an artistic practice that transforms memory, breathing, listening, and community into experiences of repair, resistance, and collective imagination.

Foto do artista: *Fotografia de Photo by Marc Hibbert, cortesia de courtesy of Julianknxx*

Imagem da obra: Still de *of Black Corporeal (Between this Air)*, 2021 © Studioknxx